

ROBERTO S. GONZALEZ

LANÇA LIVRO: **GOVERNANÇA CORPORATIVA**
- O PODER DE TRANSFORMAÇÃO DAS EMPRESAS

O que é Governança Corporativa? Como funciona? Por que é importante praticá-la em seus negócios? As respostas - simples e objetivas - estão no livro “Governança Corporativa - O poder de transformação das empresas”, do especialista, Roberto Sousa Gonzalez, diretor de Estratégia em Sustentabilidade e Conteúdo na TheMediaGroup Comunicação Financeira e de Sustentabilidade. A publicação tem ainda um capítulo onde a área de Relações com Investidores é retratada. “Podemos dizer que em várias companhias a discussão sobre essas práticas nascem no RI, e esse profissional acaba sendo um disseminador dentro da empresa”.

por **MARION MONTEIRO**



GOVERNANÇA & MERCADO

No fim dos anos 90, Gonzalez estava envolvido em dois projetos, um sobre profissionalização de entidades do terceiro setor e outro sobre Responsabilidade Social Empresarial. Naquela época, o termo Sustentabilidade ainda era pouco conhecido. Percebendo que o mercado financeiro não utilizava as informações socioambientais em sua tomada de decisão e, tampouco, eram valorizadas pela maioria dos investidores, resolveu, então, junto com dois amigos trabalhar com pesquisas dessas informações para fundos de investimentos. “Na ocasião percebemos que não adianta ter Sustentabilidade sem Governança e, partir desse momento, comecei a me dedicar também a essa prática”, diz.

Em 2007, no livro “Ética na vida das empresas” coordenado por Maria do Carmo Whitaker, o executivo aproveitou para abordar o dilema do biscoito: “vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho por que vende mais? Governança e Sustentabilidade, afinal o que vem primeiro? Na sua conclusão, o mais importante é ter os dois ao mesmo tempo para que uma organização seja duradoura.

Na MediaGroup, onde está desde 2004, quando a empresa ainda atuava com o nome de CorpGroup - os sócios Fabio Bazzanelli e Alexandre Germani já enxergavam que, para atuar em Comunicação Corporativa, é fundamental conhecer a governança e sustentabilidade praticada pelas empresas. Então foi incentivado a ser o responsável pelo processo de pesquisa, análise e implementação desses temas. Na prática, passaram a atuar como consultores de companhias que querem mudar o seu comportamento empresarial. No caso de uma instituição financeira, colaboram na definição de diretrizes de sustentabilidade para



a cessão do crédito. Com um cliente do setor industrial, a MediaGroup participou do processo de planejamento estratégico de sustentabilidade da companhia. “Ou seja, entendemos que é fundamental participar do processo estratégico para que ela saia da estagnação que, às vezes, está presente na comunicação com seus interlocutores. Afinal, nada muda na comunicação caso a gestão não seja diferente”, ressaltou Gonzalez. No momento, a empresa está desenvolvendo projetos para uma governança sustentável em conjunto com a Quintessa - uma referência em Finanças Sustentáveis.

Como especialista no assunto, Roberto Gonzalez dá aulas sobre Governança Corporativa desde 2002, inicialmente no curso de pós-graduação na Universidade Mackenzie e, a partir de 2005, na Trevisan Escola de Negócios, onde também elabora projetos sobre o tema. E com essa bagagem, pensou em escrever o livro, mesmo porque tinha em mente algumas ideias diferentes daquelas que circulavam

pelo mercado. Em 2007, por exemplo, fez um texto pioneiro na Revista RI sobre a relevância da integração das informações socioambientais às demonstrações contábeis das companhias e sua importância num processo de Governança Corporativa.

Este ano, Ricardo Pocetti, presidente do Diretório Acadêmico da Trevisan sugeriu que ele escrevesse um livro sobre o tema, que começou a sair do papel depois de uma reunião na Editora Trevisan. “O fato de Antoninho Marmo Trevisan sempre acreditar na importância da Governança não só na formação dos contadores, mas como um todo para as companhias contribuiu também, além do apoio da empresa Marfrig”. Lançado em 5 de dezembro último, pela Trevisan Editora, na Livraria da Vila do Shopping JK Iguatemi, em São Paulo, o livro “Governança Corporativa - O poder de transformação das empresas”, tem prefácio de Rodolfo Vilela Marino, presidente do Conselho de Administração da Elekeiroz; “Carta ao Leitor” de Fabio Coletti Barbosa, presidente do Grupo Abril, e “Apresentação” de Henri Penchas, vice-presidente de Relações com Investidores da Itaúsa.

VALOR

O livro mostra que é fundamental que os membros do mais alto órgão da administração das organizações tenham participação no desenvolvimento do conceito prático de Governança Corporativa, buscando a excelência em gestão e estratégia empresarial. A ideia é fornecer conhecimento sobre os conceitos e práticas da Governança; o seu impacto na atuação da alta administração e nos fiscalizadores das instituições, bem como o relacionamento da empresa com diversos públicos. O especialista aborda, ainda, a importância dessa prática no desenvolvimento das organizações e como ela pode colaborar para agregar valor. E dá um exemplo: O fato do IGC (Índice de Governança Corporativa) ter uma performance melhor do que o Ibovespa. Mas a questão é também intangível e, muitas vezes, difícil de mensurar, como o fato de uma companhia ter conselheiros independentes, especialistas em diversos temas? “São questões que o mercado entende que faz a diferença, mas mensurar é complicado, tanto a governança como a sustentabilidade tem questões tangíveis, mais o intangível é grande. O importante, independente da mensuração, é que quem realmente praticar a governança terá resultados”.

Um dos capítulos apresenta os Códigos de Governança e como eles contribuem para a disseminação das boas práticas, e é demonstrado qual o papel dos conselheiros atuais



O livro mostra que é fundamental que os membros do mais alto órgão da administração das organizações tenham participação no desenvolvimento do conceito prático de Governança Corporativa, buscando a excelência em gestão e estratégia empresarial.



e futuros como guardiões da governança corporativa. Na sua avaliação, a boa Governança passa por um Conselho de Administração com membros envolvidos e sem agendas ocultas. Mas deixa claro que o Conselho tem assuntos estratégicos que só podem ser tornados públicos depois de concluídos. E um ponto fundamental é que os conselheiros, além de envolvidos, tenham diversas competências técnicas. Por exemplo, se uma companhia deseja ser uma referência em sustentabilidade, por que não convidar para seu Conselho de Administração um profissional que foi presidente de uma grande empresa, trabalhou no governo federal e conhece a fundo a questão da sustentabilidade? “Quando uma companhia quer ter uma visão melhor da macroeconomia é comum convidar um ex-ministro, ou ex-presidente do Banco Central para ter assento no conselho de administração. Ora, se deseja ser uma referência em Governança e Sustentabilidade porque não faz a mesma coisa?”, provoca.

A importância dessa prática para as empresas abertas tem alguns exemplos no livro, como foi o caso das Lojas Renner, que passaram a ser reconhecidas pelo mercado. “É um caso que deixa claro que essa prática pode agregar valor a uma companhia”, lembra Gonzalez. Outro caso de sucesso

“ O livro tem um capítulo sobre a transparência nas organizações, onde enfoca a área de Relações com Investidores. Como a voz do mercado na companhia e a voz da companhia no mercado. Na sua visão de especialista, aconselha ao RI que começa hoje em uma companhia que quer, de fato, ter as melhores práticas de governança tem que acompanhar as publicações especializadas, participar de eventos com os do IBGC (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa) e ao mesmo tempo analisar o website de RI, que é hoje a principal fonte de informação. ”

foi a fusão entre a Satipel e a Duratex em 2009, quando as duas fabricantes de painéis de madeira decidiram unificar atividades e formaram a maior indústria de painéis do Hemisfério Sul. “Final, na fusão não prevalece nem “A” nem “B”. Nasce uma nova companhia e esse processo foi aberto a todos e não apenas para o público interno”. E cita, ainda, a abertura de capital da Marfrig e como a governança esteve presente na construção do seu processo de IPO.

Apesar de alguns pesquisadores considerarem que a prática da Governança Corporativa ainda está longe do ideal no Brasil, Roberto Gonzalez enxerga com outros olhos. Não um copo meio vazio, mas meio cheio, principalmente se levar em conta que há 15 anos o assunto ainda era praticamente desconhecido. Em 1997, explica, o país vivia um momento de práticas “anti-governança” lideradas pelo Governo Federal relacionadas com o processo de privatização. “As privatizações poderiam ter sido realizadas de outra forma, levando em consideração a governança, com a participação maior da poupança pública. Se isso tivesse ocorrido, com certeza estaríamos num estágio mais avançado em termos de governança”, avalia. Para ele, um ponto positivo foi quando o Governo Lula em 2007, indicou Maria Helena Santana para a presidência da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), como recado para o mercado de que a Governança Corporativa se tornou essencial para as

companhias. Não à toa, Maria Helena liderou juntamente com Gilberto Mifano, ex-CEO e Chairman da Bovespa, a implantação do Novo Mercado que, segundo Gonzalez, é o grande marco da Governança Corporativa no Brasil.

O livro tem um capítulo sobre a transparência nas organizações, onde enfoca a área de Relações com Investidores. Como a voz do mercado na companhia e a voz da companhia no mercado. Na sua visão de especialista, aconselha ao RI que começa hoje em uma companhia que quer, de fato, ter as melhores práticas de governança tem que acompanhar as publicações especializadas, participar de eventos com os do IBGC (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa) e ao mesmo tempo analisar o website de RI, que é hoje a principal fonte de informação. Ou seja, estar atento se o website tem informações que o mercado espera receber. Fazer pesquisas com os agentes do mercado e, ainda, promover no mínimo quatro reuniões públicas Apimec por ano. E mais: ter em mente como facilitar ao máximo o exercício da transparência para que as pessoas tenham rapidamente acesso à informação, e saber por que uma determinada informação pode ou não se tornar pública. “Por incrível que pareça, alguns poucos RIs simplesmente acatam a deliberação de não tornar uma informação pública sem ter a compreensão clara do motivo que levou a companhia a fazer isso”. **RI**